



Literature of minorities under the pen of a sad visionary

A literatura das minorias sob a pena de um triste visionário

OLIVEIRA, Maria Betânia da Rocha de(1); SILVA, Maria Carolina da(2)

- (1)  0000-0002-9862-2857; Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL-Campus IV. São Miguel dos Campos, Alagoas (AL), Brasil. Email: mariabetania.oliveira@uneal.edu.br.
- (2)  0009-0008-0099-5120; Licencianda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL-Campus IV. Bolsista do FAPEAL/UNEAL – Brasil. São Miguel dos Campos, Alagoas (AL), Brasil. Email: mariacarolina.silva.2021@alunos.uneal.edu.br

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This article aims to study the work of Lima Barreto (1881-1922), whose production is associated with the Pre-Modernist period of Brazilian literature, but his works are considered fundamental for the study of modern narrative, as he markedly addressed the political, social reality and culture of a time. From this perspective, we investigated the literary factors that combined with factors of national historical reality made his production reach us so up to date. Barreto wrote about the problems of men and women in a country, whose rulers were increasingly focused on the interests of those who dominated by force and less and less on the interests of the people – the minorities: blacks, indians, women and all those who they found themselves on the margins of a capitalist and exclusionary society. We prioritized reading Barreto's Brazil, taking as a theoretical basis the Lacanian Materialism proposed by Slavoj Žižek (2010, 2014), whose purpose is to establish the points at which the narrated facts come together and distance themselves historically and socially. This is a bibliographical and qualitative research analyzing the structure of the novel, which is why it sought to study the forms of systemic violence that mark/marked these minorities and discuss literature as a representation of people in a given society and time. One of the most significant aspects of Lima Barreto's work is its continued relevance. The issues he addressed, such as racism, social inequality and exclusion, remain current and resonate in contemporary Brazil.

RESUMO

Este artigo objetiva estudar a obra de Lima Barreto (1881-1922), cuja produção se encontra associada ao período Pré-Modernista da literatura brasileira, consideradas fundamentais para o estudo da narrativa moderna, pois ele registrou a realidade política, social e cultural da sociedade. Nessa perspectiva, investigamos quais são os fatores literários que, aliados aos fatores da realidade histórica nacional, fizeram com que sua produção chegasse até nós tão atualizados. Barreto escrevia sobre as problemáticas do homem e da mulher em um país, cujos governantes se voltavam cada vez mais aos interesses dos que dominavam pela força e cada vez menos para os interesses do povo – as minorias: negros, indígenas, mulheres e todos que se encontravam à margem de uma sociedade capitalista e excludente. Priorizamos ler o Brasil de Barreto, tomando como embasamento teórico o Materialismo Lacaniano proposto por Slavoj Žižek (2010, 2014), cuja finalidade é estabelecer os pontos em que os fatos narrados se aproximam e se distanciam histórica e socialmente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, por isso, buscou, na análise da estrutura do romance, estudar as formas da violência sistêmica que marcam/marcaram essas minorias e discutir a literatura como representação do homem em dada sociedade e época. Um dos aspectos mais significativos da obra de Lima Barreto é sua relevância contínua. As questões que ele abordou, como racismo, desigualdade social e exclusão, permanecem atuais e ressoam no Brasil contemporâneo.

Introdução

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 26/07/2024

Aprovado: 09/13/2024

Publicação: 09/12/2024



Keywords:

Lima Barreto

Violence

Brazilian Literature

Palavras-Chave:

Lima Barreto

Violência

Literatura Brasileira

Lima Barreto, um dos autores mais significativos do Pré-Modernismo brasileiro, registrou em suas obras a complexa realidade política, social e cultural de sua época. Este artigo visa investigar como os fatores literários, aliados à realidade histórica nacional, contribuíram para a atemporalidade de sua produção literária, destacando seu olhar crítico sobre as minorias sociais. O período Pré-Modernista, situado entre o fim do século XIX e início do século XX, foi um momento de transição na literatura brasileira. A obra de Lima Barreto está inserida nesse contexto, caracterizando-se por uma crítica contundente à sociedade da época.

O Brasil vivia um período de intensas transformações sociais, políticas e econômicas. O país, ainda uma jovem república, enfrentava os desafios de modernização e a persistência de estruturas sociais excludentes. A obra de Barreto reflete essas tensões, evidenciando as desigualdades e injustiças sofridas pelas minorias. Lima Barreto dedicou-se a retratar as problemáticas enfrentadas pelas minorias sociais, incluindo negros, indígenas, mulheres e outros grupos marginalizados.

Uma pesquisa de caráter literário, que dialoga com os estudos históricos e sociais do pensamento brasileiro a partir das discussões acerca da relevância de um autor, não pode ficar restrita a concepções que tentam apenas explicar os fatores internos, uma vez que se faz necessário levar em consideração o aspecto social que envolve o processo criativo. Para isso, conta com as dimensões de seus elementos estruturais: o narrador, os personagens e o leitor e, principalmente, o tempo e o espaço onde os fatos foram narrados.

Elegemos Lima Barreto (1881-1922) porque sua literatura se caracteriza como uma representação dos limites do homem em face às problemáticas do mundo moderno, cujas temáticas envolvem o povo brasileiro dentro de um panorama de perdas e buscas em oposição aos valores e interesses dos que sempre estão no poder, estabelecendo a importância de traçarmos um painel com os dados do passado que se assemelham aos fatos atuais. Além disso, Barreto escreve sobre negros, negras, mestiços, velhas pretas, morenos pálidos, caboclos e uma infinidade de termos que nomeavam seus personagens que, atualmente, acompanhando o processo de evolução da literatura e da história, enquadram-se na atual 'literatura das minorias', tão reverenciada quanto os movimentos e as campanhas em favor da importância da valorização da diversidade de raça e de gênero. Advindo daí a importância das pesquisas sobre um autor que, antes de tudo, foi 'visionário'.

Visionário porque conseguiu escrever no início do século XX sobre temáticas que foram transferidas para a atualidade, principalmente porque, além de ser constituída de percepções divergentes sobre as ações humanas, a arte literária se apresenta como um campo fértil para a análise do próprio modo de pensar do homem e do processo interpretativo semelhante à própria existência humana.

Esta pesquisa se justifica porque Lima Barreto apresenta marcas literárias que permitem analisar a narrativa e o homem do passado a partir das perspectivas históricas e do engajamento do autor, que chegou ao século XXI tão contemporâneo quanto no período em

que foi viveu. Fato que não só democratiza a leitura, como também abre espaços, na sala de aula, para o estudo e a divulgação das obras por meio de outras linguagens.

Suas narrativas denunciam a violência estrutural e as exclusões impostas por uma sociedade capitalista e elitista. A análise das obras de Barreto revela como a violência, tanto física quanto simbólica, permeia a vida das minorias. Seus personagens frequentemente enfrentam discriminação, preconceito e marginalização, refletindo as condições sociais de sua época. Um dos aspectos mais notáveis da obra de Lima Barreto é sua relevância contínua. As questões que ele aborda, como racismo, desigualdade social e exclusão, permanecem atuais e ressoam no Brasil contemporâneo.

Este artigo explora as conexões entre o passado e o presente, demonstrando a persistência de muitas das problemáticas que Barreto denunciou. Para alcançarmos nosso objetivo, que é análise das formas de violência que marcaram/marcam a história de personagens que estão à margem da sociedade (as minorias), tomamos como embasamento teórico a aplicação do Materialismo Laciano proposto por Slavoj Žižek (2010, 2014). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, cuja finalidade é, por meio do estudo da estrutura narrativa, discutir a literatura como representação do homem em dada sociedade e época.

Os textos expostos no desenvolvimento deste trabalho apontam para um dos aspectos mais significativos da obra de Lima Barreto que é sua relevância contínua, uma vez que as questões que ele abordou, como racismo, desigualdade social e exclusão, permanecem atuais e ressoam no Brasil contemporâneo.

Lima Barreto – Linguagem, Literatura e História

A literatura lida com o imaginário, seja pessoal, social e/ou cultural, cuja manifestação acontece por meio de imagens e discursos, resultados de uma reconstrução da verdade realizada a partir do ponto de vista de quem escreve o texto. A reconstrução literária do real, seja este um fenômeno histórico, uma relação social contemporânea ou uma ideologia, pode ser crítica, mas é também ideológica, pois será sempre o ponto de vista de um autor, em uma sociedade de classes, que é, por extensão, o ponto de vista de uma determinada classe.

A leitura de uma obra com o objetivo de estabelecer relações entre a literatura e a história não é uma questão simples. A questão reside em saber de que história e de que literatura se fala. Nessa perspectiva, o texto, antes de tudo, é um produto humano e é seu testemunho material mais eloquente. Em Lima Barreto, esse testemunho do esforço de criação individual está incrustado na memória nacional pelos condicionamentos sociais, pelas dimensões culturais, pelas condições econômicas, pelos conflitos éticos e pelas contradições políticas que configuram o espaço histórico em que foi gerado e publicado.

É comum o registro de fatos históricos nas obras de Lima Barreto, principalmente os que ocorreram durante o período da Primeira República, tais como: a Revolta da Vacina de 1904, a Revolta da Armada (1893-1894), a Reforma de Pereira Passos (1902-1906), as greves

dos operários de 1917 e a celebração do Centenário da Independência, levando ao fato de que, segundo Schwarcz (2017, p. 18), “não há mais como discorrer sobre o período da Primeira República sem mencionar a obra de Lima Barreto, seus escritos, suas provocações”.

Essa afirmação, de caráter acalorado, remete-nos às concepções de Sevcenko (1985) quando afirma que a literatura pode servir de documento para o historiador, mas o historiador deve considerar que o compromisso maior da literatura é com a fantasia mais do que com a realidade. Nas palavras dele, “ocupa-se, portanto, o historiador da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade” (Sevcenko, 1985, p. 21).

Esse teórico enfatiza que essas diferenças devem ser consideradas pelo historiador, que deve buscar na literatura os elementos que expressem a posição do escritor diante da história, uma vez que “a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (Sevcenko, 1985, p. 21). Seguindo essa linha de pensamento, a história dos personagens de Lima Barreto se encaixa “numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não consumidas” (Sevcenko, 1985, p. 21).

No caso da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* selecionada para análise da participação dos personagens que constituem as minorias: negros, negras, velhos, caboclos, indígenas e as mulheres, a narrativa transcreve a história do Brasil na Primeira República a partir dos que ficaram à margem (os pertencentes ao grupo das minorias – os excluídos e invisibilizados) das promessas de liberdade, desenvolvimento e progresso que o novo sistema prometera.

São do autor, personagens como “os mais despossuídos; de alma grande”, como “seu Manuel Cabinda”, e que carregam uma dor maior que o mundo, mas que jamais se deixam, simplesmente, apanhar ou vencer; os que vencem mesmo quando “parecem” desistir de lutar, tais como Olga e Ricardo Coração dos Outros; os que morrem de desgosto, como Ismênia.

São pessoas da vida real: indígenas que lutam, apesar dos inúmeros assassinatos de seus irmãos; os que defendem a causa, apesar da covardia de como foram exterminados os sonhos e as lutas de Bruno Araújo Pereira e o jornalista inglês Dom Phillips; os que defendem as matas, apesar de terem tirado a vida de Tim Lopes; são pessoas reais, as muitas mulheres espancadas até a morte, apesar da existência da Lei Maria da Penha; são pessoas reais, as mulheres que, como Mariele, precisaram ser silenciadas; são pessoas da vida real, as muitas ‘Conceição’, ‘Carolina’, que, como Lima Barreto, fazem da arte de escrever um exercício de “escrevivência” da difícil arte de sobreviver em meio às violências do mundo moderno.

Seguindo essa linha de pensamento, esta pesquisa buscou aliar os estudos das teorias literárias às propostas de um escritor que se utilizou de uma linguagem simples e do cotidiano para garantir a unidade do texto narrado. Sobre esse aspecto, Oliveira (2023, p. 141) destaca que “para Lima Barreto, é a inteligência que, por meio da linguagem, fornece ao homem a

capacidade de progredir e se desenvolver na sociedade, já que a linguagem é o seu maior instrumento de comunicação”. E esta linguagem, portanto, enquanto processo criativo e literário, amplia qualquer forma da palavra escrita. O que neste trabalho chamamos de o “essenciar da linguagem” ao qual Oliveira (2023) faz referência.

Sobre essa característica de Lima Barreto, destacamos que, por meio de sua escrita, ele tudo observou, analisou, criticou e multiplicou/multiplica o pensamento do homem de todos os tempos. Este autor vivenciou as agruras, as esperanças, as desesperanças e toda sorte de preconceitos de um período de transição – da Monarquia para a República, da escravidão para a abolição e que fora marcado pela entrada na modernidade, mas ele,

Por intermédio da Arte, não ficou restrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida no mundo (Oliveira, 2023, p. 141).

A partir dessa perspectiva de associar as velhas formas ao novo modelo de vida, estudamos, além da estrutura narrativa, as teorias que forneceram as bases para a análise das concepções literárias, históricas, sociais e filosóficas na obra de Lima Barreto.

Procedimentos metodológicos

Nossa pesquisa tem como foco o estudo de Lima Barreto a partir do viés da ‘Literatura de Minorias’, principalmente porque os ideais de igualdade, fraternidade e de liberdade não chegaram, de fato, até os indivíduos ou grupos de pessoas social e culturalmente fixados à margem da sociedade capitalista e excludente. Nessa perspectiva, apresentamos uma pesquisa acadêmica que priorizou o conjunto de saberes acumulados que os estudantes e os professores carregam consigo. Saberes estes que foram utilizados como ponto de partida para a promoção de um maior envolvimento durante o processo de descoberta e de ampliação da visão de mundo que os estudos proporcionaram.

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tomou como base a análise das obras de Lima Barreto e os estudos críticos sobre sua produção e, mais especificamente, sobre a aplicação do Materialismo Lacaniano em obras literárias. A abordagem qualitativa permitiu uma compreensão profunda das formas de violência representadas nas obras de Barreto, bem como das estratégias literárias utilizadas pelo autor para denunciar as injustiças sociais. Para essa característica, o campo investigativo envolveu, além do estudo das ciências humanas e sociais, a análise de um romance publicado no início do século passado sob o viés uma linha teórica filosófica contemporânea – o Materialismo Lacaniano.

Em Literatura, a pesquisa qualitativa implica no cruzamento de dados que propõem um diálogo entre o objeto, neste caso, a obra literária selecionada para leitura e os significados no texto, a partir dos estudos sobre a vida e a obra de Lima Barreto, que tiveram embasamento no contexto histórico dos fatos do Brasil do final do século XIX e do início do século XX, os

quais foram confrontados com os eventos e acontecimentos em evidência no atual contexto histórico brasileiro.

O processo metodológico seguiu o percurso de seleção e revisão da bibliografia a partir das leituras e dos estudos de obras impressas e digitais que forneceram os dados essenciais para a construção deste artigo. Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, recorreremos às leituras da Literatura e do Materialismo Lacaniano, bem como fizemos – mas não em profundidade –, estudos da Filosofia, Sociologia e Psicologia, cujo objetivo foi averiguar a relação entre mundo, pessoas, acontecimentos e lugares, em suas formas de representação social e literária.

A análise literária foi realizada tomando como base a concepção de ‘Literatura das Minorias’ observada na obra de Lima Barreto, a qual sinaliza para as questões em voga na atualidade, tais como a literatura sobre as minorias étnicas e as questões relativas ao lugar da mulher na sociedade.

A partir desse percurso, observamos a forma como os dados da realidade foram transportados para a realidade ficcional dos personagens representados na obra como pertencente à classe das minorias, especificamente, os negros, os indígenas e a mulher, ou seja, fizemos um levantamento de como essas questões relativas ao processo de exclusão étnica, social e de gênero são abordados na obra de Lima Barreto que podem justificar o título a ele atribuído de “triste visionário”.

Quanto à organização, a pesquisa foi dividida em etapas de estudos progressivos, estruturalmente pensados para favorecer aos pesquisadores a compreensão da proposta apresentada. Inicialmente, foi primordial conhecer a vida e o conjunto da obra de Lima Barreto, cuja finalidade era escrever um breve relato da história da literatura, em sua forma narrativa, e apresentar a literatura de Lima Barreto a partir de alguns críticos de sua obra. Sequencialmente, foi imprescindível estudar o contexto histórico, cultural e social do Brasil do final do século XIX e início do século XX, uma vez que a narrativa da obra selecionada transcorre entre os anos de 1890 e 1893, mas a publicação só ocorreu em 1915.

Para a comprovação de que a obra de Lima Barreto apresenta um engajamento social forte e atual, recorreremos às questões históricas, culturais e sociais do Brasil da atualidade e confrontamos com as do século anterior, cujo intuito foi verificar quais pontos históricos e sociais que, ao atravessar os séculos, chegaram ao século XXI, como uma obra tão contemporânea quanto no ano em que foi publicada.

A partir desse percurso metodológico, nossa pesquisa foi efetivada na composição de um acervo bibliográfico, no qual o alcance permitirá um estudo crítico e analítico de questões atuais e relevantes para pensar a formação do homem e da sociedade da qual ele faz parte, pelo viés da literatura de Lima Barreto, conforme a apresentação da análise exposta a seguir.

Triste Fim – uma violação anunciada na linguagem de Lima Barreto

A obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, escrita por Lima Barreto, é um marco na literatura brasileira, não apenas pela sua qualidade literária, mas também pela forma como aborda questões sociais, particularmente a representação das minorias. Este romance, publicado originalmente em folhetins em 1911 e em livro em 1915, expõe as problemáticas enfrentadas por diversos grupos marginalizados: negros, indígenas, mulheres e outros indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade, em uma sociedade capitalista e elitista.

Para entender a importância da obra de Lima Barreto, é necessário situá-la no contexto histórico e literário do início do século XX, no Brasil. Este período foi marcado por profundas transformações sociais e políticas, incluindo a abolição da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889). Apesar dessas mudanças, a sociedade brasileira continuava a ser extremamente desigual, com persistentes práticas de violência que acarretavam a exclusão e a discriminação.

A partir das concepções de Ginzburg (2017) sobre a presença da violência em textos literários, destacamos que a escrita de Lima Barreto reconhece a presença da violência social na História do Brasil e ressalta que esta mantém uma relação com os regimes autoritários. Esse conhecimento o leva a construir imagens, personagens, enredos e estruturas narrativas que fundamentam sua visão crítica sobre aquele contexto histórico.

Nessa perspectiva, buscamos fundamentação nas formas de violência apresentadas por Žižek (2014, p. 17-18) quando ele faz a distinção entre a violência subjetiva e a violência objetiva, classificando-as, respectivamente, quanto à forma, como visível e invisível. Este filósofo destaca que “a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato”, e que a violência objetiva, que é invisível, se divide em simbólica e sistêmica, sendo esta última, responsável pela manutenção de um estado “normal” de coisas. Essa invisibilidade é que colabora para sustentar a subjetividade da violência Sistêmica, uma vez que ela consiste “nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (Žižek, 2014, p. 17), visto que é responsável por sustentar as relações de poder, de dominação e de exploração “necessárias para que uma vida tão confortável fosse possível” (Žižek, 2014, p. 23).

Observamos, por exemplo, o momento histórico dos primeiros anos do Brasil, descrito na obra ora em análise, enquanto República, com destaque para o governo de Marechal Floriano Peixoto. A maneira como o eixo central se manifesta na narrativa configura a forma literária que revela a relação conflituosa entre os indivíduos e uma realidade que se opunha aos seus ideais de liberdade e de nacionalidade, constantemente em conflito com as verdadeiras formas de dominação impostas pelo novo regime.

Policarpo, um nacionalista extremado, surge com todos os problemas do indivíduo moderno: ao mesmo tempo em que se deslumbra com o novo regime – a República, percebemos que os avanços, o progresso ainda não chegara para todos. Por isso, sofre e seu

comportamento mostra a impossibilidade de se adequar ao mundo, conforme observamos no excerto a seguir: “E desse modo ele ia levando a vida, metade na repartição, sem ser compreendido, e a outra metade em casa, também sem ser compreendido” (Barreto, 1996, p. 23). Fatos que atestam a violência Sistêmica que permeia toda a narrativa e que é decorrente do processo de colonização e de desenvolvimento estrutural do Brasil.

Lima Barreto, ele próprio descendente de africanos escravizados, aborda de maneira crítica a situação dos negros na sociedade brasileira pós-abolição. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1996), a figura do personagem Ricardo Coração dos Outros, um músico negro, ilustra a marginalização e o preconceito enfrentados pelos afrodescendentes. Fatos que se caracterizam como atos de violência sistêmica e simbólica, conforme as concepções de Žižek (2014). No caso desse personagem, o preconceito, enquanto forma de violência, era duplo: além de negro, tocava violão – instrumento considerado das “malandragens”, conforme aparece na fala dos vizinhos de Policarpo: “não era bonito para esse senhor [Policarpo] andar metido com um homem – Ricardo Coração dos Outros – que toca violão, pois este seria um desclassificado” (Barreto, 1996, p. 21).

Mais adiante, Ricardo Coração dos Outros não fora convidado para a festa de noivado de Ismênia porque o general temia a opinião pública sobre a presença dele em “festa séria” (Barreto, 1996, p. 44). Ricardo, apesar de seu talento e contribuição cultural, é relegado a uma posição subalterna, o que evidencia a falta de reconhecimento e a continuidade do racismo estrutural, enquanto violência de um sistema capitalista e excludente que só prioriza e dá voz aos abastados e aos favorecidos social e culturalmente.

De acordo com Žižek (2014), é essencial compreender as formas de violência que emergem da história das relações sociais, a partir da análise dos conflitos decorrentes dos processos de exclusão que definiram a divisão de classes e o fortalecimento do sistema capitalista. Esse fortalecimento modificou a noção de violência objetiva, evidenciando a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre sua manifestação na sociedade, principalmente quando observamos que, apesar da abolição da escravatura, os negros, os indígenas, as mulheres e todos os que, apesar de fazerem parte da maioria da população, encontram-se em estado de vulnerabilidade social, daí denominarmos como as minorias, exatamente porque são excluídos e continuam sofrendo todas as formas de violência, da visível às invisíveis.

Para a análise aqui apresentada, recorreremos aos estudos da violência Sistêmica, aquela decorrente de todo processo de colonização pelo qual passaram os países que se utilizaram da escravização dos africanos, como também estudamos a violência Simbólica – a violência que está encarnada na linguagem utilizada por Lima Barreto. Žižek (2014, p. 18) define a violência simbólica como aquela que está “encarnada na linguagem e nas suas formas” e é caracterizada como “invisível” porque é resultado de uma relação de violência tida como “natural”, uma vez que o agente dominado não se sente vítima de violência.

Dentro desse contexto, destacamos a afirmação de Candido (1989) que apresenta Lima Barreto como um ficcionista do outro, e esse fator é responsável pela elevação do seu processo criativo, cuja escrita revela “uma inteligência voltada com lucidez para o desmascaramento da sociedade e a análise das próprias emoções, por meio de uma linguagem cheia de calor” (Candido, 1989, p. 39).

Seguindo essa linha, corroboramos com Oliveira (2023, p. 141) quando ela ressalta que a linguagem expressa pelo narrador de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1996) atesta o processo criativo que envolve as formas de violências, o que é, ao mesmo tempo, uma violência do Sistema e da linguagem, mas que registra um certo grau de poeticidade, conforme destacamos no excerto: “lembrava-se de sua irmã, dos seus olhos verdes e plácidos que o viram partir com uma impassibilidade que não era natural” (Barreto, 1996, p. 128). Observamos o uso de uma linguagem ‘quase poética’ que se antepõe a violência no comportamento natural da irmã, que, naquele momento, manteve-se imparcial. Em outras palavras, os olhos verdes e plácidos não anunciavam nem a esperança, nem a tranquilidade daquela realidade que se apresentava, conforme expressa o excerto em que Policarpo observa os aspectos reais que envolvem a vida dos seres menos favorecidos.

Pelos seus olhos passaram num instante aquelas faces amareladas e chupadas que se encostavam nos portais das vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, d'olhos baixos, a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insetos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho em casa e bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos – este quadro passou-lhe pelos olhos com a rapidez e o brilho sinistro do relâmpago; e só se apagou de todo, quando teve que ler a carta que a sua afilhada lhe mandara (Barreto, 1996, p. 114).

Nessa perspectiva, a narrativa é construída sob a ótica de um narrador sobre o comportamento e as ações de seu personagem principal, que se depara, frequentemente, com as mazelas que circulam a vida dos que vivem à mercê de um sistema capitalista e excludente: indígenas, mulheres, trabalhadores rurais e escravos recentemente proclamados livres, mas ainda escravizados social e culturalmente.

No romance de Lima Barreto, a trama se desenvolve em três partes, que, conforme já mencionamos anteriormente, analisamos o uso da linguagem como recurso literário utilizado para apresentar as formas da violência no projeto de Policarpo Quaresma de reformar a Pátria, que se encontra, estruturalmente dividido em três estágios diferentes: cultura, agrícola e política.

O primeiro projeto ou reforma idealizada surge na esfera cultural. Inicialmente, Policarpo propõe a revalorização dos costumes brasileiros, censurando a imitação das modas estrangeiras. Essa ideia o toma por inteiro e chega aos extremos quando ele sugere a apropriação de uma língua, no caso o Tupi-Guarani, como a primeira forma de identificação social do homem. A segunda reforma ocorre no ambiente rural quando Policarpo se volta para os meios de produção da agricultura. E, finalmente, no terceiro plano, surge a reforma pela política. Não apenas com referência aos “atos do governo”, mas, à política como um conjunto de atividades ou práxis da humanidade associada diretamente à prática e que deve permitir aos indivíduos alcançarem o poder (Oliveira, 2023, pp. 96-97).

A representação dos indígenas na obra é complexa e crítica. Policarpo Quaresma, o protagonista, é um patriota fervoroso que decide aprender tupi-guarani e cultivar o pequeno sítio, que comprara logo após o fracasso da primeira reforma, de acordo com os métodos indígenas, acreditando na superioridade da cultura nativa. No entanto, sua idealização encontra a realidade de uma sociedade que desvaloriza e marginaliza os povos indígenas. Em várias passagens da narrativa, Policarpo repetia o seu propósito de que o povo devia valorizar os indígenas, sua língua, cultura e sempre fazia referência aos abusos físicos e psicológicos que sofreram e ainda sofriam dos coletores de impostos, enquanto pequenos produtores de uma terra que, originalmente, pertencia-lhes.

O narrador destaca a marginalização e o tratamento injusto dispensado aos indígenas, que são apresentados como vítimas de abusos e discriminação, evidenciando, por meio das ações de Policarpo, a situação de opressão a que estão sujeitos, isto é, a violência sistêmica - a do Capital estava ali sempre presente. Este personagem também expõe a atitude preconceituosa dos fazendeiros em relação aos indígenas, que os comparam a animais, tratando-os com desprezo e crueldade, exemplos claros de uma violência simbólica – a da linguagem. Policarpo Quaresma, ao defender os indígenas, entra em conflito com os colegas de trabalho, o que demonstra a resistência da sociedade em reconhecer a humanidade e os direitos desses povos.

Nessa perspectiva, pretende fazer justiça quando propõe a mudança da língua portuguesa para o tupi-guarani. Eis, a seguir, trechos do Requerimento que Policarpo Quaresma enviou ao Congresso Brasileiro:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; (...) - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decreta tupiguarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação

idiomática. Demais, senhores congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem (Barreto, 1996, pp. 52-53).

A tentativa de Policarpo Quaresma de implementar essa proposta fracassa, e isso reflete a invisibilidade dos povos originários e ainda denuncia o desprezo e o preconceito da população pelos conhecimentos tradicionais indígenas a que o protagonista se dedicara.

Ainda, na primeira reforma, a referente à cultura, ressaltamos que a representação das minorias, especificamente dos negros, leva-nos a refletir sobre as complexas e muitas vezes dolorosas realidades sociais do Brasil, no início do século XX. Por meio de uma linguagem, ora simples e coloquial, ora extremamente subjetiva e poética, Lima Barreto aborda de forma crítica e realista o racismo e a marginalização enfrentados pelos afro-brasileiros na sociedade da época. Observamos essa característica sob os olhos do personagem Ricardo Coração dos Outros em um momento que olhava para uma mulher negra que lavava roupa: “Teve pena daquela pobre mulher, duas vezes triste na sua condição e na sua cor. Veio-lhe um afluxo de ternura e, depois, pôs-se a pensar no mundo, nas desgraças, ficando um instante enleado no enigma do nosso miserável destino humano. (Barreto, 1996, p. 85). Policarpo Quaresma reflete sobre a condição degradante em que se encontram muitos negros e mestiços.

Em outras palavras, os personagens negros, frequentemente, são retratados em situações de subserviência ou marginalização, revelando as injustiças sociais e a exclusão que sofrem, características estas da violência sistêmica. Um exemplo disso é o personagem Ricardo Coração dos Outros, um músico popular que, apesar de seu talento, enfrenta a falta de reconhecimento e a precariedade econômica, situação comum para muitos negros da época, era um mulato claro, baixinho, meio barrigudo, com grandes bigodes pretos, revirados, com uma cara redonda e risonha. E, apesar de ser visto na vizinhança, como um “homem célebre pela sua habilidade em cantar modinhas e tocar violão”, (Barreto, 1996, p. 25) era considerado um pobre que levava a vida a tocar violão em busca de sustento e reconhecimento, conforme percebemos no trecho em que ele pede ao Albernaz uma passagem para ir ao lugar onde o amigo Policarpo estava: “— Eu queria que o senhor me arranjasse uma passagem, um passe, para ir vê-lo. O general esteve uns instantes de cabeça baixa, coçou o cabelo e disse: — Isso é difícil, mas você apareça lá, na repartição, amanhã” (Barreto, 1996, p.91). O excerto enfatiza a sua condição social humilde e a dificuldade para se sustentar por meio do seu talento musical. Fatos que refletem a marginalização dos negros.

Convém destacar a hipocrisia e o preconceito da sociedade brasileira que, apesar de se orgulhar de uma suposta harmonia racial, pratica o racismo de forma velada e

institucionalizada. Isso é evidente nas interações sociais e nas oportunidades (ou falta delas) oferecidas aos personagens negros. A origem e a cor dificultavam-lhes a carreira.

Havia sempre, por trás de todas as suas desventuras e fracassos, uma barreira intransponível que os impedia, não só a ascensão social, mas também a convivência na sociedade. Na narrativa, Lima Barreto destaca como o preconceito racial e a origem social são obstáculos significativos para os negros, limitando suas oportunidades de ascensão e sucesso.

Percebemos também a visão de Policarpo sobre a vida difícil que era imposta aos negros e de que ele os via como trabalhadores dedicados e sofridos, que enfrentavam condições de vida difíceis e eram frequentemente subvalorizados, os quais ele percebia como uma gente trabalhadora e sofredora, era bem outra gente que ele conhecia na cidade, e a quem ele queria bem (Barreto, 1996). Em outras palavras, a obra barretiana fala sobre a questão racial e aponta as injustiças sofridas pelos negros quando critica a sociedade brasileira por sua hipocrisia e falta de equidade racial.

Além disso, a obra apresenta um retrato detalhado das condições de vida dos afro-brasileiros, muitas vezes confinados em bairros pobres que eram descritos como subúrbios longínquos e vielas pobres, onde a miséria se escondia, o sol poente de inverno descia mais tarde, tornando mais triste ainda a pobreza resignada dos que ali viviam.

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação da cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influiu decerto para tal aspecto, mais influíram, porém, os azares das construções. Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevards e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado. (...) nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteados, porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados. (Barreto, 1996, p. 83).

Há também passagens que mostram os negros submetidos a trabalhos exaustivos e mal remunerados, como aparece na conversa entre Olga e o empregado do Sítio de Policarpo:

- "Sá dona tá" pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? "Quá, sá dona", não é assim. Deu uma machadada; o tronco escapou: colocou-o melhor no picador e, antes de desferir o machado, ainda disse: — Terra não é nossa... E "frumiga"?... Nós não "tem" ferramenta... isso é bom para italiano ou "alamão", que governo dá tudo... Governo não gosta de nós... (Barreto, 1996, p. 103).

Essas transições da obra servem como uma crítica às estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade racial que caracteriza a violência simbólica.

Sobre esta violência, Zizek (2010, p. 16) ressalta o fato de que os homens, apesar de sujeitos da linguagem, falam e vivem em sociedade como meros fantoches guiados pela ordem simbólica, que dirige e controla seus atos. Seguindo essa concepção, observamos que é por meio da linguagem que a violência se fortalece, uma vez que é a partir do discurso dominante que há a imposição da cultura à classe dominada.

Em suma, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* usa a representação dos personagens negros para fazer uma crítica incisiva ao racismo e à exclusão social no Brasil. Lima Barreto não só narra a vida de indivíduos marginalizados, mas também denuncia as injustiças sistêmicas e incentiva uma reflexão sobre a necessidade de mudanças sociais. A obra, portanto, permanece relevante para o entendimento das dinâmicas raciais e sociais no Brasil contemporâneo.

Embora as mulheres não sejam o foco central da narrativa, Lima Barreto insere críticas às suas condições de vida e às limitações impostas pela sociedade patriarcal. Barreto mostra a importância do casamento na existência das mulheres, pois, ao permanecer solteira, além do desprestígio social, a mulher era considerada uma fracassada, era obrigada a viver subjugada a algum parente, submetendo-se a todas as suas vontades. No excerto abaixo, observamos como o casamento era uma instituição constante nos diálogos proferidos na casa da personagem Ismênia que “Desde menina ouvia a mamãe dizer: ‘Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...’, ou senão: ‘Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...’”.

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – “porque, quando você se casar...” – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar-se (Barreto, 1996, p. 46). Quando o narrador de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* explicita a educação das mulheres para serem esposas e donas de casa, e essa crítica nos leva a refletir sobre a amplitude de sua visão social: “De resto, não era só dentro de sua família que ela [Ismênia] encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar” (Barreto, 1996, p. 46-47). Ou seja, a cobrança pelo casamento não era uma particularidade da família de Ismênia, mas um traço encontrado nos diversos ambientes da sociedade. O narrador, ao longo da narrativa, revela essa limitação de Ismênia:

A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das ideias, o nosso próprio direito à felicidade, foram parecendo ninharias para aquele cerebrozinho; e de tal forma que se casar lhe representou coisa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, “tia”, parecia-lhe um crime,

uma vergonha. De natureza muito pobre, sem capacidade para sentir qualquer coisa profunda e intensamente, sem quantidade emocional para a paixão ou para um grande afeto, na sua inteligência a ideia de casar-se incrustou-se teimosamente como uma obsessão (Barreto, 1996, p. 42).

Seguindo esse modelo para o qual fora criada, aos 19 anos, Ismênia começou um relacionamento com Cavalcânti, motivada pela sua falta de determinação e medo de não encontrar um marido. Após cinco anos de namoro, Cavalcânti partiu em uma viagem e nunca mais voltou. Sem interesses ou motivações para superar sua tristeza, Ismênia não conseguiu se envolver em outro relacionamento e acabou falecendo. Foi enterrada com um vestido de noiva, como desejava. O narrador utiliza a história de Ismênia para refletir sobre como a educação voltada para os papéis de gênero pode limitar as perspectivas e horizontes de uma pessoa. Se uma mulher é educada apenas para tarefas domésticas como lavar roupas, costurar ou limpar, sua conexão com o mundo se restringe a essas funções. Ao perder essa função, ela perde também sua conexão com o mundo.

Em uma linguagem que se faz violenta para o universo feminino, é visível o horizonte estreito imposto à existência da mulher. Não havia individualidade feminina. A possibilidade de externar seus quereres e seus pensamentos, a mulher era tolhida. Estudar, formar-se profissionalmente e construir uma carreira não fazia parte desse universo. A educação que recebia era tão somente destinada à administração do seu futuro lar.

A personagem Dona Adelaide, irmã de Policarpo, representa a mulher submissa, cujo papel é restrito ao ambiente doméstico. Sua vida limitada e sem perspectivas reflete a exclusão das mulheres das esferas públicas e de poder. Mas os moldes de uma vida condenada sem marido e sem a dedicação ao próprio lar se encaixava bem em Adelaide, pois isso refletia o espírito resignado de uma mulher de sentimentos contidos, cuja “existência calma, doce e regrada, não tinha ambições, paixões e desejos” (Barreto, 1996, p. 106). Os adjetivos destacados exteriorizam a violência a que fora submetida a mulher durante séculos de não poder expressar seus sentimentos, suas emoções. A irmã de Policarpo surge como um ser cuja existência é definida pelos fenômenos da violência da linguagem que estruturam o meio em que vive com o irmão Policarpo.

Acostumada a esse modelo de vida, a irmã de Policarpo aceitara prontamente o destino que lhe fora reservado de irmã mais velha e solteira, mas as fissuras do mundo Simbólico que a tornaram “alheia” à vida também acentuavam “violentamente” a diferença estabelecida entre ela e o irmão – Adelaide “era fria, sem imaginação, de inteligência lúcida e positiva” (Barreto, 1996, p. 106). A ideia que prevalece é a de que a linguagem funciona como um meio de negação e mediação entre os opostos porque, ao mesmo tempo, simboliza a violência que está incrustada na existência objetivada da irmã, essa mesma narrativa apresenta o processo de constituição de Policarpo enquanto ser social relacionado à identidade da irmã, que estava ali

para cuidar dele, mas com uma ressalva “Não se vá supor que Quaresma andasse transtornado como um doído. Felizmente não!” (Barreto, 1996, p. 106). Essa linguagem restringe a origem das diferenças entre os irmãos, nos critérios apresentados para os dois: falta de imaginação e falta de inteligência na irmã e o “aparente” estado de insensatez, que, para alguns, beirava à loucura, em Policarpo.

De forma resumida, o romance é uma denúncia contundente da violência estrutural presente na sociedade brasileira. Barreto expõe como as instituições e as estruturas sociais perpetuam a exclusão e a marginalização das minorias. A tragédia de Policarpo Quaresma, que termina encarcerado e depois executado, simboliza a falência do projeto de um Brasil inclusivo e justo. Quaresma é um sonhador, um idealista, mas suas ideias de justiça e igualdade chocam-se com uma realidade dominada pela violência, pelo preconceito e pela exclusão.

Considerações Finais

A obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, não é apenas um marco literário, mas também uma análise crítica e profunda das injustiças sociais e étnico-raciais no Brasil do início do século XX. Através da trajetória do personagem Policarpo Quaresma, Barreto expõe a violência sistêmica e simbólica que permeia a sociedade brasileira, destacando as dificuldades enfrentadas por diversos grupos marginalizados, como negros, indígenas e mulheres.

Lima Barreto critica a sociedade capitalista e elitista do início do século XX, que perpetua a desigualdade e a marginalização. A obra mostra como a concentração de poder e riqueza nas mãos de uma elite impede o desenvolvimento de uma sociedade mais equitativa. A elite econômica e política, representada por personagens como o General Albernaz, zomba dos ideais de Quaresma e ignora as necessidades e direitos das camadas mais vulneráveis da população.

A narrativa revela a complexa teia de exclusão e preconceito que caracteriza a sociedade capitalista e elitista, onde as minorias são sistematicamente silenciadas e subjugadas. A descrição dos bairros pobres e das condições de trabalho dos negros, por exemplo, ilustra a precariedade e a exploração enfrentadas por essas populações. O personagem Ricardo Coração dos Outros, um talentoso músico negro, é um exemplo de como o racismo estrutural impede o reconhecimento e a valorização dos afro-brasileiros.

Lima Barreto, ele próprio descendente de africanos escravizados, utiliza sua obra para criticar a hipocrisia de uma sociedade que se orgulha de uma suposta harmonia racial, mas que, na prática, perpetua a desigualdade e o preconceito. Através da linguagem rica e multifacetada do narrador, Barreto revela a violência sistêmica e simbólica que está embutida na comunicação e nas estruturas sociais.

A análise comparativa entre o contexto histórico da época de Lima Barreto e o Brasil contemporâneo revela tanto aproximações quanto distanciamentos. As problemáticas das

minorias, embora manifestadas de maneiras diferentes, continuam a desafiar a sociedade brasileira. As obras de Lima Barreto demonstram como a literatura pode servir como um espelho da sociedade, refletindo suas contradições e conflitos. Sua produção literária oferece uma crítica perspicaz das estruturas de poder e das dinâmicas de exclusão. Sua obra, ao mesmo tempo histórica e contemporânea, oferece informações valiosas sobre a persistência das desigualdades e a luta das minorias no Brasil.

Por fim, consideramos que *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é uma obra que desafia o leitor a refletir sobre a história e as relações sociais no Brasil. Através de sua crítica incisiva e da representação fiel das condições de vida das minorias, Barreto nos convida a questionar a continuidade das injustiças e a necessidade urgente de mudanças sociais. A obra permanece relevante não apenas como um documento histórico, mas como um alerta constante sobre as desigualdades que ainda persistem em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- Barreto, L. (1996). *Triste fim de Policarpo Quaresma*. (15^a ed.). Ática.
- Barreto, L. (2017). O destino da literatura. In: RESENDE, B. (Org.). *Lima Barreto: Impressões de Leitura e outros textos críticos*. Penguin Classics Companhia das Letras, pp.265-282.
- Candido, A. (2000). *Literatura e sociedade*. (8^a ed.). T. A. Queirós; Publifolha; Cia. Ed. Nacional (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- Ginzburg, J. (2017). *Crítica em tempo de violência*. (2^a ed.). Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.
- Schwarcz, L. M. (2017). *Lima Barreto: triste visionário*. Companhia das Letras.
- Sevcenko, N. (1985). *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. (2^a ed.). Companhia das Letras.
- Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Tradução Maria Luzia X. de A. Borges. Zahar.
- Žižek, S. (2014). *Violência: seis reflexões laterais*. Boitempo.